

## “EU NÃO ANDO SOZINHA”: a força de um maracatu de mulheres e de baque virado no sertão de Pernambuco

Nathália CAMPOS  
Yasmin de Souza PEREIRA  
ConfiguraçõesClarissa MARQUES<sup>1</sup>  
Anne Gabriele Alves GUIMARÃES

### Resumo

O presente trabalho é produto das atividades extensionistas desenvolvidas na Universidade de Pernambuco, curso de Direito, *campus* Arcoverde, por meio do Programa de Extensão Direitos em Movimento (DIMO). Entre 2020 e 2022, o programa produziu o *podcast* “Vozes em Movimento”. O objetivo principal foi investir na promoção de grupos socialmente marcados pela interseccionalidade entre raça, gênero e classe, no agreste e sertão de Pernambuco. O artigo tomará como ponto de partida a fala de Hayssa Stefany Santos, entrevistada em um dos episódios, para apresentarmos algumas provocações acadêmicas acerca de possíveis conexões entre manifestações culturais e ativismo antirracista, com abordagem interdisciplinar, tendo em vista a trajetória de atuação do Maracatu Baque Mulher, no município de Arcoverde/PE.

**Palavras-chave:** Extensão Universitária; Interdisciplinaridade; *Podcast*; Maracatu; Mulheres.

### Abstract

This work is the product of extension activities developed at the University of Pernambuco, Law course, *campus* Arcoverde, through the *Rights in Movement Extension Program* (DIMO, sigla em português). Between 2020 and 2022, the program produced the *podcast* “Voices in Movement”. The main objective was to invest in the promotion of groups socially marked by the intersectionality between race, gender and class, in the agreste and sertão of Pernambuco. The article will take as its starting point the speech by Hayssa Stefany Santos, interviewed in one of

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado realizado na The New School of Social Research - NY (CAPES), Doutora em Direito pela UFPE com Estágio de Doutorado na Universidade de Paris (PDEE/CAPES), Professora da Universidade de Pernambuco - UPE, Professora do Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade Damas - PPGD/FADIC, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares sobre Meio Ambiente, Diversidade e Sociedade - GEPT/CNPq (@somosgept), Coordenadora do Programa de Extensão Direitos em Movimento - UPE e do Programa de Extensão TransVERgente - UPE/Fiocruz. Email: clarissa.marques@upe.br

the episodes, to present some academic provocations about possible connections between cultural manifestations and anti-racist activism, with an interdisciplinary approach, in view of the performance trajectory of *Maracatu Baque Mulher*, in the municipality of Arcoverde/PE.

**Keywords:** University Extension; Interdisciplinarity; Podcast; Maracatu; Women.

\*\*\*\*\*

## Introdução

O presente trabalho é mais um dos produtos decorrentes de atividades extensionistas desenvolvidas na Universidade de Pernambuco, curso de Direito, *campus* Arcoverde, a partir de abordagem interdisciplinar. O Programa de Extensão Direitos em Movimento (DIMO) desenvolveu, em 2019, um projeto em parceria com o Maracatu Baque Mulher Arcoverde. Deste encontro surgiu o curta metragem “Eu não ando sozinha”. As reuniões, as rodas de conversas, as entrevistas e as gravações do curta deixaram muito evidente para a equipe de extensão que o Baque Mulher é, para além de um grupo de maracatu desenvolvido por mulheres, uma estratégia de comunicação social e de (re)existência política, um caminho folkcomunicação, um ativismo antirracista.

Na sequência, entre 2020 e 2022, o DIMO produziu seis episódios de *podcast*. Nascia o “Vozes em Movimento”. O objetivo principal foi investir na produção audiovisual (filme e *podcast*) como forma de visibilidade e promoção de direitos de grupos socialmente marcados pela interseccionalidade entre raça, gênero e classe. Discentes e técnicas/técnicos extensionistas, sob a orientação e supervisão da professora coordenadora do “Vozes”, foram responsáveis pela execução direta das seguintes ações: leituras bibliográficas, que ajudaram a mediar adequadamente a produção e a execução das entrevistas e filmagens; participação em grupo de estudos para refletir e aprofundar as teorias estudadas e os possíveis reflexos na realidade social das entrevistadas e dos entrevistados. Além disso, fez parte também da proposta metodológica do “Vozes em Movimento” construir resumos expandidos e artigos científicos, como este, para serem publicados tanto em congressos quanto em revistas indexadas e qualificadas.

Sobre a execução do *podcast*, os critérios de seleção para

entrevistadas/entrevistados consistiram em (1) sujeitos com relevância no cenário cultural do agreste e do sertão pernambucano e a (2) relação com as temáticas que integram os objetivos do Projeto. O programa de *podcast* foi planejado, desde o primeiro contato até a elaboração do roteiro, por extensionistas com supervisão docente. Dentre as pessoas entrevistadas estava Hayssa Stefany, 16 anos, integrante do Maracatu Baque Mulher Arcoverde. A entrevista com Hayssa foi compartilhada no “Vozes em Movimento” em 12 de julho de 2022, na plataforma Spotify.

Nesse sentido, o presente artigo tomará como ponto de partida a fala de Hayssa no referido episódio para apresentarmos algumas provocações acadêmicas acerca de possíveis conexões entre comunicação social, manifestações culturais, folkcomunicação e feminismo negro. Nesse sentido, teremos como objetivo geral analisar o Maracatu Baque Mulher Arcoverde como manifestação cultural e estratégia de comunicação comunitária. Os objetivos específicos serão (a) discorrer brevemente sobre o Maracatu Baque Mulher, (b) apresentar a entrevista com a integrante do Baque, Hayssa Stefany, e (c) identificar conexões entre o Baque Mulher e algumas vozes do feminismo negro.

A metodologia utilizada terá abordagem qualitativa com viés descritivo, tomando como base a realização de entrevista estruturada com integrante do referido Maracatu, o que importa em não somente dar visibilidade a uma voz negra como também em apresentar fielmente uma estratégia de comunicação comunitária oriunda das raízes culturais africanas sob a perspectiva folkcomunicacional.

## **O Maracatu Baque Mulher: breves considerações**

O maracatu, mais do que um ritmo musical, é uma tradição brasileira com raízes africanas capaz de envolver performances de dança, religiosidade, simbolismos visuais e ancestralidade. Embora não haja certeza da data de seu surgimento, tem-se como registro mais antigo 1867. Historicamente, percebe-se a existência de diversos movimentos e expressões culturais que colaboraram para o desenvolvimento do maracatu em sua forma atual. Atentando-se à origem africana do ritmo, a marginalização, perseguição e repressão do maracatu é mais comum do que se possa pensar (DINIZ, 2019).

Quanto ao Maracatu Baque Mulher, tema do presente trabalho, Joana D’Arc

da Silva Cavalcanti (Mestre Joana) fundou em 2008, Recife-PE, o Maracatu Baque Mulher, oriundo da Nação do Maracatu Encanto do Pina e da Nação do Maracatu Porto Rico, objetivando inicialmente que as mulheres pudessem, além de tocar no maracatu, conversar, festejar e compartilhar experiências juntas. Tamanho foi o crescimento da proposta, que em 2013 foram formados em outras cidades filiais do Baque e elaborado um Regimento Interno, de modo que o objetivo e estrutura geral do grupo não sejam desvirtuados (LIMA, 2021).

Em continuidade, o Baque Mulher ganhou reconhecimento e amplitude como movimento de mulheres que enfrentam a violência de gênero, incluindo pautas como empoderamento feminino, machismo, dororidade e igualdade de direitos. Essa luta é enfrentada internamente por meio de atividades como rodas de conversa e debates, estudos e palestras, além da construção de uma forte rede de apoio entre o grupo. Externamente, essa mensagem é repassada através das loas (músicas) e performances de palco, com canções político-educativas, como “Poder Feminino” e “Loa Maria da Penha”, além de vestimentas chamativas como estratégia adotada pelos grupos do Baque (ANSELMO, 2020).

Arcoverde, município localizado no sertão de Pernambuco, já estava inserida há décadas na cultura do samba de coco quando o Baque Mulher foi instituído na cidade. No curta metragem “Eu não ando sozinha” (2020), fruto do projeto de extensão Direitos em Movimento, a líder do Baque Mulher Arcoverde, Lalá Calixto, menciona que em 2016 ocorreu o primeiro encontro com a mestra Joana no intuito de que o Baque fosse estabelecido na cidade.

Até os dias de hoje, 2023, esse movimento de empoderamento e autoafirmação feminista resiste e reafirma-se como estratégia política e de comunicação comunitária por meio da música e dança. O Baque Mulher Arcoverde é liderado e composto por mulheres negras, as quais fazem das vozes e dos pés um ativismo feminista e antirracista. A equipe do Baque assumiu como necessidade uma comunicação que ocorra de forma horizontal, capaz de auxiliar a transformação social em curso, ou seja, a comunicação como mecanismo de transformação social (AMPHILO, 2013, p. 988).

A expansão do conhecimento e dos saberes antirracistas é potencializada a partir da ampliação de redes que oportunizam o conhecimento de particularidades ignoradas, as quais atuam como “meio de mobilização e identificação de grupos

locais no contexto globalizado” (SCHMIDT, 2006, p. 12). O Maracatu Baque Mulher é uma rede de maracatus, liderados exclusivamente por mulheres, que atua para a expansão da luta antirracista.

Assim, o grupo do Baque Mulher Arcoverde conta a história de mulheres vítimas de machismos, agressões e racismos para além dos limites geográficos do sertão de Pernambuco, tendo iniciado nas palavras de Beltrão, citadas por Cristina Schmidt, um “processo folkcomunicacional” (SCHMIDT, 2006, p. 11), destacando a necessidade de debatermos o “sistema de expressão cultural das classes subalternas” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 17).

### **“Além de ser uma luta contra o machismo também é contra o preconceito”: entrevista com Hayssa Stefany, Maracatu Baque Mulher Arcoverde**

No presente tópico apresentaremos a transcrição da entrevista com Hayssa Stefany, realizada em 12 de julho de 2022, por Nathália Campos por meio do *podcast* “Vozes em Movimento”. Ressaltamos que a transcrição aqui apresentada sofreu alguns cortes dada a extensão da entrevista, mas nada foi acrescentado à fala da entrevistada. O objetivo é deixar mais clara nossa concepção acerca do Maracatu Baque Mulher como manifestação cultural e, ao mesmo tempo, estratégia de comunicação comunitária que se utiliza das raízes culturais africanas para atuar como um movimento de empoderamento e autoafirmação feminista negra.

Para tanto, ler o que pensa uma das integrantes do Baque é o caminho que compreendemos indicado para conhecer um pouco da história do grupo, bem como seus propósitos. Por essa razão, optamos por uma metodologia que transcreve a fala da nossa entrevistada, tendo em vista ser ela uma das vozes desse baque virado, para então no tópico seguinte desenvolvermos algumas conexões.

- **Nathália:** Olá, todas e todes, nós somos o *podcast* Vozes em Movimento, que faz parte do programa de extensão Direitos em Movimento, da Universidade de Pernambuco, *campus* Arcoverde, portal do Sertão. Nesse quarto episódio, eu, Nathália Campos, vou entrevistar Hayssa, integrante do grupo Maracatu Baque Mulher da cidade de Arcoverde. Então, Hayssa, acho que da última

vez que a gente conversou foi justamente na produção do documentário “Eu não ando sozinha”, que está disponível no *YouTube* ([https://www.youtube.com/watch?v=mucRsrcxs\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=mucRsrcxs_4)). O nome do documentário faz uma referência à música do Baque e identifica a questão da luta de vocês que é tão visível para todo mundo que acompanha e assiste ao Baque. Então é assim que eu acho que a gente poderia iniciar nossa conversa, perguntando um pouco sobre o quê essa união, o Baque, esse movimento do Maracatu representa para você.

- **Hayssa:** Novamente, obrigada pelo convite, é uma honra estar participando dessa entrevista. Como você já tinha dito, eu havia participado outra vez, falei um pouco sobre o que era o Baque e é muito gratificante ter sido chamada novamente para falar sobre uma coisa que eu amo tanto que é o Baque Mulher. Para quem não me conhece, eu sou Hayssa Stefany, tenho 16 anos, faço parte do Maracatu Baque Mulher Arcoverde desde que ele começou por aqui pela região, mas o Baque Mulher ele se originou em Recife, por volta de 2006, 2007. O Baque Mulher é uma luta. Quando (o Baque Mulher) iniciou aqui em Arcoverde, eu e a minha mãe começamos a participar, em 2017, e desde aí até hoje estou no Baque Mulher, graças a Deus!
- **Nathália:** Não larga mais?
- **Hayssa:** Não pretendo sair nem tão cedo! Enquanto tiver, como a minha mãe disse, enquanto tiver o Baque Mulher estaremos juntas nessa porque o Baque Mulher é uma coisa muito importante, por mim teria em todas as cidades do mundo ... eu acho que é muito importante a mensagem que o Baque Mulher passa diariamente.
- **Nathália:** Você pode comentar um pouquinho para quem não conhece muito sobre a mensagem que o Baque passa para as mulheres?
- **Hayssa:** Sim, claro! A mensagem que o Baque Mulher passa, que pelo menos tenta passar, tenta não, que sempre está passando, batendo na mesma tecla, é principalmente sobre o machismo, sobre a violência contra a mulher. Devemos nos apoiar sempre e abrir o olho. Tem muitas mulheres que acabam sofrendo tipos de violência que nem sempre são só físicas, pode ser mental, verbal, e às vezes elas não sabem da violência que estão passando dentro de casa ou até mesmo na rua. A gente sempre tenta passar apoio, porque nós

nos apoiamos umas às outras no Baque Mulher. Se tem algum problema, a gente sempre tenta ajudar, fazendo roda de conversa, através das “loas” também, que são as músicas do Baque Mulher. Nós passamos várias mensagens sobre a violência contra mulher, saber dizer “não” e aceitar o “não” também. Sofremos muito assédio, diariamente, e a gente sempre tem que estar dizendo “não” e é muito difícil para um homem aceitar um não.

- **Nathália:** Isso é totalmente a questão do machismo...O homem quer sempre que a vontade dele prevaleça e vocês vêm para dizer que “não”, as mulheres sentem vontade e a gente pode se unir, pode se apoiar.
- **Hayssa:** Sim!
- **Nathália:** Eu acho isso a coisa mais genuína de vocês, é muito lindo ver a força com que vocês passam essa mensagem através do Maracatu. A batida é algo muito forte, sempre fico muito tocada ouvindo vocês. Acho que quando a gente conversou da outra vez vocês falavam muito sobre a questão do empoderamento, como as coisas mudaram para você?
- **Hayssa:** Sim, exatamente, é você saber se levantar, saber se posicionar diante de uma situação e saber o que está se passando ali. O Baque Mulher, ele fez eu ter outros olhos. Eu, como tinha comentado, não sabia o que era feminismo, eu não tinha noção do que era feminismo, o que era machismo, eu não tinha noção de nada disso e entrar no Baque Mulher me fez abrir os olhos, me fez repensar em muitas ações que a gente vê no cotidiano e não sabe o que está se passando. Quando eu entrei não tinha consciência de nada disso, eu já tinha sofrido, mas não tinha consciência. Eu não sabia o que era assédio, eu não tinha noção do que era assédio, realmente não conseguia compreender e pelo que o Baque Mulher passa através das músicas eu comecei a ter um pouco mais de consciência do que é o machismo, a violência contra a mulher e tudo isso. O Baque Mulher me fez abrir os olhos para muitas coisas. O machismo sempre foi muito abafado. Eu acho que através da música, música é uma coisa mundial, você pode até não conseguir ouvir por palavras, por imagem, mas se você escuta uma "loa" do que o Baque Mulher tenta passar e você é tocada por isso, eu acho que já é uma conquista. A luta diária que a gente passa para manter o grupo e manter outras mulheres pensantes sobre o que elas podem sofrer e às vezes sofrem e não sabem. A

gente passa pela música, então elas tendo a consciência daquela música, conseguindo entender, compreender o que a gente tá tentando passar eu acho que já é uma conquista. Aos poucos, elas vão tendo uma visualização do que é isso, se você me compreende...

- **Nathália:** Entendi (...) muitas vezes também não se sentir sozinha, que é justamente o que a música de vocês fala, que estamos juntas enquanto mulheres e precisamos fazer essa união, precisamos fazer essa força para apoiar, né? Principalmente nessa questão de violência tão complicada que as mulheres, muitas vezes ficam com medo de denunciar, acho que esse apoio é bem importante.
- **Hayssa:** É, tem até música falando da Lei Maria da Penha para algumas mulheres se conscientizarem sobre o que é a Lei Maria da Penha, sobre a história da Lei Maria da Penha, que você pode sim denunciar, que você pode sim ter proteção. Por mais que seja difícil denunciar um agressor, denunciar o que você está passando por medo, a gente está lá para apoiar, entendeu? Dizer que ela não está sozinha porque ela não precisa ter medo, que isso vai passar, que ela vai conseguir manter esse agressor longe.
- **Nathália:** Eu acho que a força do Baque faz diferença, principalmente porque, como você falou, você começou muito jovem no Baque, Luna também, que é uma outra integrante do Baque Arcoverde, também muito jovem, muito empoderada, a gente percebe, sempre percebeu na fala de vocês esse empoderamento muito forte. Então, vocês já são outra geração de mulheres que estão vindo com essa consciência e que, com certeza, irão somar muito e trazer novas perspectivas para essa luta contra o machismo e para o combate à violência também...
- **Nathália:** E, já que a gente tá falando do baque virado, eu lembro que você falou que você começou muito jovem e agora vi que você já está fazendo oficinas com a sua mãe, ensinando os toques, as vibrações. Me conta como é que tá sendo isso. Eu lembro que você estava no abê ainda, estava aprendendo. Me conta como é que foi essa evolução.
- **Hayssa:** Estava, é muito bom. Eu comecei no abê muito novinha, o primeiro instrumento que eu peguei. Eu aprendi o abê na escola quando teve a oficina de maracatu, que foi até com a Lalá Calixto, que rege o Baque Mulher Arco-

verde, o que eu participo. Já comecei muito novinha, então quando iniciou o Baque Mulher eu já tinha uma experiência, fui logo para o abê e no decorrer dos ensaios eu fui aprendendo a tocar alfaia, que é o tambor. Eu aprendi a tocar o gonguê, estou aprendendo caixa, futuramente espero estar no caixa.

- **Nathália:** Que legal! É muito bom ver, você vai aprendendo vários elementos desses instrumentos que também representam a cultura, principalmente, acho extremamente importante a resistência dessa cultura.
- **Hayssa:** Sim! A gente sofre ainda muito preconceito com a questão de o Maracatu ser do candomblé, as pessoas ainda têm muitos preconceitos com isso. Além de ser uma luta contra o machismo, também é contra o preconceito religioso, que a gente também sofre.
- **Nathália:** A intolerância religiosa e o machismo são duas vertentes muito difíceis de serem combatidas. Eu acho que só a força mesmo de um baque virado para a gente conseguir resistir nessa luta que não é fácil.
- **Hayssa:** Exatamente! É sempre um processo! É “levanta a cabeça e vai”, as nossas maquiagens são sempre bem exageradas, bem chamativas, são cores mais neon, como rosa e laranja, são justamente para chamar atenção, entendeu? É para dizer que vocês não podem me calar, vocês não podem fingir que estão vendo e não estão escutando a gente. Vocês têm que escutar, é isso, engolir seco mesmo!
- **Nathália:** E seguir em frente nessa luta. Desde já te agradeço muito por você ter participado aqui com a gente, acho que foram falas muito importantes e queria que você deixasse uma fala final aqui no *podcast* sobre o Baque, sobre a luta, enfim, fique à vontade.
- **Hayssa:** Eu acho uma frase forte e parece ser até boba de tanto ser ouvida, mas eu acho muito forte que é “mulheres unidas, jamais serão vencidas”. A gente sempre frisa isso, é muito importante nós mulheres, estarmos sempre juntas apoiando umas às outras. Então, vamos nos unir sem rivalidade, sem “coisinhas”, nós temos que lutar para conseguir o nosso espaço, a gente está sempre em uma luta diária, como mãe, como filha, como irmã, como amiga. Eu acho que a união faz a força, eu acho que a gente precisa dessa união.

## **Baque Mulher e comunicação: maracatu por mulheres e a**

## micropolítica do feminismo negro

É incontestável a demanda pela intersecção entre raça e gênero, refletida na criação do feminismo negro, justificada pela opressão que a mulher preta sofre em movimentos negros, em face do gênero, e em movimentos feministas, em face da raça. Para Lélia Gonzales (2020, p. 145) a “discriminação de sexo e raça faz das mulheres negras o segmento mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, limitando suas possibilidades de ascensão”. Portanto, urge expandir o debate a respeito da subalternidade imposta historicamente às mulheres negras, na tentativa de combater as negligências, tanto da ordem pública como das ordens privadas, e vulnerabilidades, quanto aos direitos, que as acompanham.

Tratando-se da violência contra a mulher preta, é perceptível a continuidade da condição histórica de coisificação – desumanização – das mesmas, trazida em novas roupagens século após século (CARNEIRO, 2003). Construções sociais estereotipadas colaboram para o cenário de violações, é o caso da sexualização da mulher negra e do mito de que ela é “mais forte”. É nesse sentido que agressões à figura feminina preta, muitas vezes, sequer são reconhecidas e quando identificadas são tratadas frequentemente com descaso.

Em contraste, o Maracatu Baque Mulher Arcoverde mostra-se como resistência à violência contra a mulher, estando as pretas em predominância no grupo, estabelecendo variadas formas de luta, dentre elas a antirracista. Um maracatu de baque virado, no sertão de Pernambuco, liderado por uma mulher negra e composto por várias outras mulheres negras, é em si um núcleo de ativismo antirracista. A atuação dessas mulheres pelas ruas da cidade entoando loas que dizem, entre tantas outras coisas, “eu não ando sozinha”, é uma esfera da micropolítica do feminismo negro. A partir da entrevista de Hayssa ao *podcast* “Vozes em Movimento” (2022) percebe-se, inclusive, a organização do grupo para que haja um conhecimento técnico acerca das temáticas violência contra a mulher, machismos, empoderamento e preconceito.

Além disso, a construção de uma rede de apoio confiável entre as integrantes do Baque permite que haja espaço para o compartilhamento de vivências, criando um ambiente propício para a identificação de mecanismos no combate às violências. Não menos importante, as loas, performances e presença do Maracatu Baque Mulher são capazes de comover quem prestigia os espetáculos, transmitindo

mensagens político-educativas e antirracistas. O entendimento sobre opressão de gênero compartilhado entre as mulheres do Baque permite que a micropolítica se faça, despertando grupos e espaços e, principalmente, mobilizando gerações.

Certamente, na conjuntura da violência doméstica contra a mulher negra, esta é duplamente atingida porque são integradas às agressões outras formas de opressão em virtude do contexto de vulnerabilidade da raça acrescida ao gênero. No caso da violência psicológica, por exemplo, é comum que ela reverbere em sequelas à autoestima dessas mulheres no que diz respeito a particularidades vinculadas à raça (CARNEIRO, 2003). É nesse sentido que identificamos na fala de Hayssa uma manifestação de cuidado e também ativismo quando ela destaca “[...] Tem muitas mulheres que acabam sofrendo tipos de violência que nem sempre são só físicas, pode ser mental, verbal, e às vezes elas não sabem da violência que estão passando dentro de casa ou até mesmo na rua. A gente sempre tenta passar apoio, porque nós nos apoiamos umas às outras no Baque Mulher [...]” (H. SANTOS, 2022).

Destaca-se assim a atuação do Baque Mulher como movimento que, por meio da música e da dança, luta contra a violência de gênero. Hayssa e Nathália, a partir de um caso real, falam no *podcast* “Vozes em Movimento” (2022) sobre a nocividade da violência doméstica no que diz respeito a diversos aspectos da vida, ponderando a dificuldade que a mulher tem para reconhecê-la, principalmente, quando se trata de violência psicológica. Além da relevância do Baque de Arcoverde ao traçar estratégias de combate e reconhecimento dessas agressões, é importante sua participação na compreensão das diversas nuances da violência contra a mulher. É nesse sentido que consideramos o Maracatu Baque Mulher uma instância micropolítica do feminismo negro, um ativismo antirracista.

Emerge, pois, a importância do “empoderamento”, palavra esta constituída por uma pluralidade de significantes. Para Djamila Ribeiro (2018) esse conceito tem que ir além do pensamento liberal de transferência de poder. Consoante Berth (2019), esse termo está relacionado a ideia de “dar poder” como uma ferramenta de transformação social, pela qual a autoafirmação negra faz parte da luta contra a hegemonia branca, a partir de uma constante valorização e orgulho do que eflui da negritude. Portanto, não basta o processo de empoderamento individual, é preciso que ele seja utilizado como instrumento crítico de emancipação coletiva.

Conseguimos com tranquilidade identificar no Baque Mulher a existência de uma luta emancipatória coletiva em vários aspectos do movimento. A formação de uma rede de apoio feminina/feminista é responsável por “dar poder” ao grupo a partir da liberdade de expressão entre elas, bem como a construção de diálogos em prol da valorização de aspectos da cultura e da identificação negra.

Contudo, a luta pelo empoderamento coletivo deve agir em concomitância com o individual, dando a devida importância à elevação da autoestima da mulher negra. Angela Davis, ao analisar o contexto de mulheres afro-americanas, ressalta a necessidade de “erguer-nos enquanto subimos” (2017, p.17). O que a autora chama a atenção é que quando mulheres negras avançam na luta contra a opressão racista e sexista elas também carregam suas irmãs e seus irmãos consigo. Por conseguinte, o fortalecimento individual é o pilar para o progresso coletivo.

Lalá Calixto, líder do Baque Mulher em Arcoverde, cita no curta metragem “Eu não ando sozinha” (2020) que se sente representada pela loa “É por esse baque”. A letra da música traz que “É por esse baque que eu ergo a voz / Eu não ando sozinha / Eu venho por mim / Venho por todas nós”. Para Lima (2023), essa loa reverbera a fala de Davis anteriormente transcrita porque há uma exaltação ao coletivo. O eu-lírico da canção luta, “ergue a voz”, por si e pelo grupo. Este grupo, reciprocamente, também luta pela voz poética porque ela “não anda sozinha”.

Para Vilma Piedade (2017), o feminismo negro lida com a palavra “dororidade” porque o conceito de fraternidade entre as mulheres (sororidade), comumente utilizado pelo feminismo branco não abarca totalmente as questões da mulher negra. As dores trazidas pela escravidão reverberaram em profundas marcas que permeiam famílias negras. O racismo age de forma cruel e dolorosa na vivência negra. Portanto, para além da sororidade, a dororidade entre mulheres negras permite que ocorra a união e o entendimento através da dor, dores comuns e profundas, marcas de uma opressão secular.

Piedade (2017) argumenta que a dororidade abarca múltiplas questões do negro sob uma ótica interseccional. Nesse sentido, o feminismo brasileiro precisa estudar e falar sobre racismo em sua complexidade, incluindo também o racismo religioso, “por uma Democracia Feminista com o toque do tambor... com o girar das nossas saias” (PIEADADE, 2017, p. 28).

Em consonância, a entrevista de Hayssa para o *podcast* “Vozes em

Movimento” (2022) deixa explícito que no Baque de Arcoverde existe o cuidado para com as dores do grupo, além de uma intensa luta contra o racismo religioso que permeia a expressão do maracatu. “A gente sofre ainda muito preconceito com a questão de o Maracatu ser do candomblé, as pessoas ainda têm muitos preconceitos com isso. Além de ser uma luta contra o machismo, também é contra o preconceito religioso, que a gente também sofre (H. SANTOS, 2022).

Por fim, o Maracatu Baque Mulher é um reflexo da luta idealizada pelo feminismo negro, um movimento que vai além da libertação do feminino, busca a emancipação da mulher negra em suas perspectivas interseccionais, refletindo sobre conceitos como gênero, classe, raça, religião, empoderamento, autoafirmação e liberdade, liberdade para existir da maneira que é conveniente e traz felicidade, segundo a loa “Maria da Penha”, “Mulheres do Mundo inteiro, com garra pra vencer/Vamos unir as nossas forças e fazer acontecer/Temos direito à liberdade/Temos direito de viver/Temos direito, temos direito/Temos direito de vencer”.

## Conclusões

O Programa de extensão Direitos em Movimento (DIMO) prezou pela humanização e interdisciplinaridade dos estudos elaborados pelo grupo de alunas e alunos, sob a coordenação da Professora responsável, considerando a produção de pesquisa e extensão como conhecimento que deve comunicar-se com a sociedade e colaborar com a transformação social. As ações foram planejadas para não se restringirem à observação e, sim, auxiliarem a intervenção liderada pelas próprias mulheres que compõem o Baque Mulher Arcoverde. Isso tornou-se possível por meio da produção do filme “Eu não ando sozinha” (2020) e do episódio do *podcast* “Vozes em Movimento” (2022) que conta com a entrevista de Hayssa Stefany. Cumpru-se, dessa forma, uma das funções da Universidade: o desenvolvimento científico para além da comunidade acadêmica.

Evidencia-se a partir do curta metragem e do *podcast* que o Baque Mulher Arcoverde é formado democraticamente por mulheres de várias idades, as quais compartilham conhecimentos e experiências, fortalecendo a rede do Baque e apoiando-se mutuamente. O Baque além de movimentar a cena cultural local, é responsável pela realização de um resgate ancestral dinâmico, que transparece em

ações cotidianas recíprocas entre as mulheres do grupo, trata-se de um movimento emancipatório de empoderamento e construção de uma autoestima positiva. Trata-se de um ativismo antirracista que conta com a expressão cultural de mulheres negras numa estratégia de romper com a subalternidade historicamente imposta.

A entrevista com Hayssa aponta a formação de um feminismo negro no sertão de Pernambuco, que faz da música e dança um caminho para a comunicação horizontal, ou seja, uma comunicação que auxilia processos de transformação social, nos quais os recortes de raça, gênero e classe são bastante evidentes.

## Referências

AMPHILO, Maria Isabel. Fundamentos Epistemológicos da Folkcomunicação. *In*: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**. Antologia brasileira. São Paulo: Cultural, 2013. p. 982-993.

ANSELMO, Tatyana Rodrigues. **O Baque Mulher**: batucando o empoderamento feminino com a tradição sociocultural do maracatu de Recife/PE a Ribeirão Preto/SP. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2020.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. 1. ed. São Paulo: Pólen, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres negras, violência e pobreza. *In*: CAMARGO, Márcia (org.). **Diálogos sobre violência doméstica e de gênero**: construindo políticas públicas. 1. ed. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2003. p. 11-19.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

DINIZ, Flávia Costa. **O maracatu e o combate à violência contra a mulher, uma história de lutas e poderes**. Orientadora: Luciana de Oliveira Chianca. 2019. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

EU NÃO ANDO SOZINHA. 2020. 1 vídeo (12 min). Publicado pelo canal Somos GEPT. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=mucRsrcxs\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=mucRsrcxs_4). Acesso em: 25 abr. 2023.

LIMA, Tatiana Rodrigues. Empoderar como? Música e ativismo no maracatu Baque Mulher Lisboa. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 44., 2021, Recife. **Anais** [...]. Recife, 2021. Online. disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-me/tatiana-rodrigues-lima.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2023.

LIMA, Tatiana Rodrigues. Quatro instâncias de empoderamento e um maracatu feminista. **Ação Midiática**, Curitiba, v. 23, n. 25, 2023.

MARQUES DE MELO, José. De volta ao futuro: da folkcomunicação à folkmidia. In: SCHMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na arena global**. Avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006. p. 17-36.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. 1. ed. São Paulo: Nós, 2017.

SCHMIDT, Cristina. A importância da pesquisa em Folkcomunicação e a Rede Folkcom. In: SCHMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na arena global**. Avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006. p. 9-16.

VOZES EM MOVIMENTO: Hayssa Stefany (Maracatu Baque Mulher): eu não ando sozinha. Entrevistadora: Nathália Campos. Entrevistada: Hayssa Stefany. [S. l.]: Vozes em Movimento, 12 jul. 2022. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1J1TNF4zryyfGreNHBXxn0?si=TZaRJO9WTi601Syk3MIt3A>. Acesso em: 25 abr. 2023.